

**FACULDADES INTEGRADAS HÉLIO ALONSO
COMUNICAÇÃO SOCIAL - RELAÇÕES PÚBLICAS**

GIOVANNA SOARES E ISABELLE IDALÉCIO

**COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA NA EDUCAÇÃO:
UMA FERRAMENTA PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO MAIS
CONSCIENTE**

**RIO DE JANEIRO
2019**

GIOVANNA SOARES E ISABELLE IDALÉCIO

COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA NA EDUCAÇÃO:
UMA FERRAMENTA PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO MAIS
CONSCIENTE

Monografia apresentada ao Curso
das Faculdades Integradas Hélio
Alonso, como requisito parcial para a
obtenção do título de Relações
Públicas. Sob a orientação do Prof.
Rafael Melo Pereira.

RIO DE JANEIRO
2019

Soares, Giovanna Thomas Saramago.

Comunicação não-violenta na educação: uma ferramenta para a construção de uma educação mais consciente / Giovanna Thomas Saramago Soares e Isabelle Campos Idalécio Martins. - Rio de Janeiro: FACHA, 2019. 58 f.

Orientador: Rafael Melo Pereira.

Projeto Experimental (Graduação em Relações Públicas) FACHA, 2019.

1. Comunicação não-violenta. 2. Educação. 3. Humanidade. 4. Consciência. I. Martins, Isabelle Campos Idalécio. II. Pereira, Rafael Melo. III. FACHA. IV. Título.

COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA NA EDUCAÇÃO:
UMA FERRAMENTA PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO MAIS
CONSCIENTE

GIOVANNA SOARES E ISABELLE IDALÉCIO

Monografia apresentada ao Curso das Faculdades Integradas Hélio Alonso, como requisito parcial para a obtenção do título de Relações Públicas. Sob a orientação do Prof. Rafael Melo Pereira.

Prof. Orientador.

Membro da banca

Membro da banca

Data da defesa: _____

Nota da defesa: _____

RIO DE JANEIRO
2019

*Para Suzana, que é amor, raiz e gaivota
mãe, você me inspira*

*Agradeço ao meu Pai - Luciano - pelo
suporte*

*Agradeço ao meu irmão - Cris - que é
afeto e cigarra*

*Agradeço às minhas irmãs - Ju, Anna e
Aninha - sem elas essa vida nem seria
minha*

*Agradeço à minha avó - Helena - pelo
café forte e pelas tardes de tricô*

*Agradeço ao Bruno - carinho - pelas
palavras simples, sementes e intimidade*

Agradeço à família

*Agradeço também aos magníficos
professores - vocês são luz nessa estrada*

Giovanna Soares

*Gestos, silêncio, palavras: criaturas vivas que na sombra
do inconsciente armam laços e desarmam vidas.
Com elas construímos pontes em cima das águas turvas
ou cavamos o fosso dos mal-entendidos. Uma boa parcela
dos sofrimentos entre as pessoas nasce do desencontro e
da incomunicabilidade.*
Lya Luft

RESUMO

Este projeto de pesquisa explora a presença, no âmbito da educação, da comunicação não-violenta (CNV), ferramenta relacional que pretende resgatar a humanidade nas relações entre as pessoas a partir de um conjunto de práticas. Tratamos, nesse trabalho, da comunicação humana, compreendendo-a segundo a perspectiva relacional e vital para a existência do homem em sociedade. Demonstramos como a CNV se insere nesse contexto, revelando a forma com qual essa prática é desenvolvida dentro de uma instituição de ensino, se tornando importante elemento na tomada de consciência para a mudança.

Palavras-chave: comunicação; relação; comunicação não-violenta; consciência; educação; humanidade.

ABSTRACT

This research project explores the presence, within education, of nonviolent communication (CNV), a relational tool that aims to rescue humanity in relationships between people, starting from a set of practices. In this research we discuss about human communication, understanding it from the relational and vital perspective to the existence of man in society. We demonstrate how CNV fits into this context, revealing how this practice is developed at an educational institution and becomes an important element in raising awareness for change.

Keywords: communication; relationship; nonviolent communication; consciousness; education; humanity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2. COMUNICAÇÃO É O PRÓPRIO HOMEM.....	17
3. ESPAÇO CRIA: COMPREENDENDO A ESCOLA, VALORES E PRINCÍPIOS.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	57

1. INTRODUÇÃO

Somos seres em um mundo de transformações constantes. Na atualidade, os humanos se deparam com o progresso da tecnologia, a conectividade em rede, os conflitos e crises de múltiplas ordens, a presença da mídia, as muitas informações em tempo real, o consumo e a produção. Essas modificações demasiadas e em velocidade nunca antes vista, carregam consigo também as consequências do tempo acelerado.

Soma-se à essa perspectiva que as relações entre os homens têm se modificado ao longo do tempo. Os seres humanos experienciam hoje o crescente avanço tecnológico que deu origem não só às muitas facilidades, mas também à uma conectividade constante em rede (SANTAELLA, 2013). O mundo virtual, como um território vasto de relacionamento, se revela diariamente na vida das pessoas, gerando novas formas de relação, que apoiadas nas ideias de praticidade e obsolescência, se tornam cada vez mais rasas (BAUMAN, 2011).

Acrescenta-se também que, uma sociedade predominantemente materialista, sustentada pelo individualismo, a construção do sentido de comunidade e ou nação homogênea se perderam, originando relacionamentos conflituosos, em que as pessoas perderam a capacidade de estar presentes. Isso acontece por conta do olhar constante na produtividade e nos resultados (BARTER, 2017).

Além disso, podemos afirmar que hoje, com a influência das diversas fontes de mídia, tanto a quantidade, quanto a velocidade de informações instaurou a necessidade nas pessoas de estarem informadas a todo momento como um sinônimo de sabedoria. Nessa dinâmica, o conhecimento e a informação são colocados como equivalentes, originando o fenômeno das opiniões imperativas, onde todos sabem de tudo, mas ninguém conversa na perspectiva do diálogo e da troca. Não temos a capacidade de conduzir conflitos como algo inerente ao ser em relação (BONDÍA, 2002).

Tendo em vista esse conjunto de circunstâncias que definem a humanidade a todo momento, verificamos que a natureza dos problemas enfrentados hoje, têm suas origens na comunicação, ou melhor, na falta dela. Além disso, observamos que, o homem como um ser em um mundo vital, têm sua experiência dada a partir da comunicação, que ao estabelecer-se por meio

das relações, torna-se a fonte primária de existência humana (PELIZZOLI, 2012). Por isso, entendemos que esses problemas podem ser entendidos como o colapso da comunicação, ou, o obstáculo evolutivo da humanidade. (ROSENBERG, 2006)

Nesse sentido identificamos que precisamos repensar a maneira pela a qual nos comunicamos, fazendo surgir uma nova consciência de vida em sociedade. Para isso propomos pensar essa mudança a partir da Comunicação não-violenta, pesquisa desenvolvida pelo Psicólogo americano Marshall Bertram Rosenberg (2006) que visa o estabelecimento da empatia, baseando-se em habilidades de linguagem e comunicação que fortalecem a capacidade de continuarmos humanos, mesmo em condições adversas (ROSENBERG 2006, pg.21). Essa prática tem o objetivo de incentivar a autoeducação para que se restabeleça a confiança mútua entre pessoas, instituições, povos e nações.

A CNV convida para que seja reformulada a maneira pela qual as pessoas se expressam e escutam os outros. Para Rosenberg (2006, p.21) “[...] nossas palavras, em vez de serem reações repetitivas e automáticas, tornam-se respostas conscientes, firmemente baseadas na consciência do que é percebido, dito e desejado”.

Hoje, com alcance mundial, a Comunicação não-violenta tem servido de recurso para comunidades que enfrentam graves conflitos e tensões de natureza étnica, religiosa ou política. Já foi utilizada na resolução de conflitos em mais de 65 países ao redor do mundo, nos diversos continentes. Também é aplicada no desenvolvimento de novos sistemas sociais, orientado em prol de parceria e o compartilhamento de poder, principalmente na área de educação. É um processo de pesquisa contínuo que explora a comunicação nas esferas pessoal, interpessoal e social proporcionando formas práticas de gerir relacionamentos saudáveis (ROSENBERG, 2006).

Neste projeto de pesquisa procuramos explorar a possibilidade da presença da comunicação não-violenta (CNV) no âmbito da educação. O objetivo principal do trabalho foi identificar como a CNV se insere na dinâmica escolar, buscando revelar como essa ferramenta relacional atende aos valores e atividades da instituição de ensino. Para chegar à esse objetivo foi preciso mapear as práticas de comunicação não-violenta presentes no Espaço Cria,

instituição de ensino escolhida por nós como objeto de estudo e que atua como referência na utilização da CNV em educação no Estado do Rio de Janeiro.

Contemplando esse propósito inicial, os objetivos específicos, respectivamente, são: mostrar como a comunicação não-violenta se insere no relacionamento entre as pessoas, apontando as estratégias utilizadas com essa ferramenta nos dias de hoje. Posteriormente, para trazer exemplos concretos da atividade, buscamos verificar como as ações de CNV são articuladas pelos gestores do Espaço Cria entre os professores, colaboradores e educandos. E por final, a proposta foi analisar com essas informações, os resultados obtidos com as práticas da CNV na instituição de ensino.

Durante o desenvolvimento, a dificuldade que marcou a pesquisa foi a busca pelo material teórico sobre a comunicação não-violenta. Embora o tema seja bastante urgente e atual, os estudos sobre a prática estão muito fundamentados na pesquisa do professor Marshall Rosenberg, o que não permitiu que abrissemos o tanto quanto gostaríamos a discussão sobre a temática. Fato que também não impediu a apresentação dos pilares que garantem a prática da comunicação não-violenta nas relações humanas.

A pesquisa pode ser classificada como qualitativa, pois se desenvolve a partir da revisão do material bibliográfico disponível sobre o tema central – comunicação não-violenta –, e em entrevistas semiestruturadas, estas focadas no conhecimento das idealizadoras do Espaço Cria, Mariana Carvalho e Lívia Diniz, consideradas aqui formadoras de opinião.

Convém destacar que a técnica de análise de conteúdo foi utilizada como parte metodológica. A referida técnica foi escolhida para a interpretação dos dados, pois a análise de conteúdo é “uma ferramenta para a compreensão da construção de significado que os atores sociais exteriorizam no discurso” (SILVA; GOBBI; SIMÃO, 2005, p. 74).

Assim sendo, o método “permite ao pesquisador o entendimento das representações que o indivíduo apresenta em relação a sua realidade e a interpretação que faz dos significados a sua volta” (SILVA; GOBBI; SIMÃO, 2005, p. 74). Ainda sobre esta técnica, Bardin (2009, p. 44) explica que a análise de conteúdo é

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Nesse sentido, buscamos com a vivência das diretoras do Espaço Cria, coletar informações atuais, trazendo à tona a experiência dessas educadoras ao longo de suas trajetórias. A partir disso, foi possível identificar e compreender na prática como a CNV está presente na rotina escolar. Essa possibilidade ampliou nossa percepção a respeito da utilização da ferramenta no âmbito educativo.

A escolha do Espaço Cria como nosso objeto de estudo se deu porque no início da pesquisa, buscávamos uma escola que fosse referência do trabalho com a CNV. Além disso, quando começamos a desenvolver as buscas e pesquisar sobre o tema, tivemos oportunidade de participar de palestras e cursos sobre a CNV. Nesses lugares, muitas pessoas reconhecidas dentro do meio nos indicaram com bastante recomendação o Espaço Cria para realizar o trabalho.

Decididas da escolha da instituição de ensino, se iniciaram as tentativas do contato. Conseguimos, por meio de uma amiga em comum, falar com a Mariana Carvalho, fundadora do Cria. Nesse primeiro momento, a comunicação se deu de forma informal, apenas por meio de mensagens (via WhatsApp). Depois disso, marcamos uma ligação para nos conhecermos melhor. Nessa ligação, buscamos nos apresentar, fazer com que ela entendesse a ideia do trabalho e nosso envolvimento e interesse pelo tema. No telefonema, Mariana, guiada por algumas perguntas nossas sobre a temática da CNV e curiosidades a respeito da escola, explicou de maneira sucinta parte da história da escola, dos valores lá prezados e também sobre a forma com que a CNV se insere na rotina da escola entre educadores e crianças. Ao final dessa ligação, Mariana nos convidou para participar de uma visita no Cria, para que conhecêssemos melhor o espaço e o trabalho realizado.

A partir desse primeiro contato, começamos a entender melhor como a dinâmica com a CNV se estabelecia dentro da escola. Isso possibilitou que elaborássemos algumas perguntas-chaves e dúvidas a serem esclarecidas durante a visita.

Visitamos o Espaço Cria no dia 30 de outubro para conhecer a Escola. A partir desse momento, o contato principal passou a ser com a Lívia Diniz,

fundadora do Cria junto com a Mariana Carvalho. Nessa visita, tivemos uma pequena reunião muito significativa em que Livia apresentou a história da escola, contextualizando os valores e processos de educação ali preservados. Pudemos ver de perto e sentir como o trabalho realmente é feito. Percorremos também todo o espaço da escola nessa visita, observando os espaços preparados para as crianças e a natureza que cerca o lugar. Tivemos tempo para compartilhar inspirações e conexões com a fundadora do espaço que desde o primeiro sorriso nos recebeu com muito afeto.

A partir da visita e depois de obter muitas informações dessa experiência para o nosso projeto, mantivemos o contato com Livia que disponibilizou seu número de contato para que esclarecêssemos futuras dúvidas sobre os caminhos da CNV no Espaço Cria.

Tendo isso em vista, a pesquisa sobre comunicação não-violenta se justifica pois, como estudantes de Comunicação Social, entendemos a comunicação como a base para a construção das relações humanas. A delimitação do foco em educação se aplica porque com as crianças temos a possibilidade de reparar a base da sociedade, construindo a partir daí uma nova perspectiva de vida - mais consciente e conectada com propósitos humanos. Além disso, notamos que a academia carece de conteúdos que apontam para a temática da comunicação não-violenta o que torna esse projeto ainda mais relevante.

O trabalho está dividido em cinco capítulos, este, de caráter introdutório, traz informações gerais do projeto. Procuramos trazer a tona o nosso interesse pelo tema e o caminho que trilhamos na obtenção das informações necessárias para essa pesquisa. O capítulo dois apresenta o referencial teórico, no qual se trabalha o processo da CNV, contextualizando com as necessidades atuais de comunicação do mundo moderno, identificando aspectos quanto às relações humanas em sociedade. O terceiro apresenta o objeto de estudo, bem como as práticas desenvolvidas dentro da instituição de ensino escolhida, o Espaço Cria, ampliando o repertório do leitor para as estruturas necessária na manutenção dessas práticas em ambiente escolares. O capítulo quatro compila as análises feitas a partir da pesquisa de campo, compreendendo a aplicabilidade do processo de comunicação não-violenta no nosso objeto de estudo. Por fim, o trabalho encerra com uma sessão ligada às considerações finais das autoras.

2. COMUNICAÇÃO É O PRÓPRIO HOMEM

O ser humano se estabelece no mundo por meio da comunicação. Blikstein (2003) já evidenciava que a construção da noção de realidade pelo homem se constitui a partir da socialização e da linguagem. Isso porque as palavras fundamentam toda a vida social, estabelecendo a base para as relações entre as pessoas.

Complementando essa ideia, deliberamos que a comunicação se dá por meio de palavras, estruturas geradoras de sentido. A base analítica de Bondía (2002) sustenta essa afirmativa, pois o autor propõe que as palavras determinam nosso pensamento, uma vez que não pensamos com pensamentos, mas com palavras. Além disso, para o autor, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, dos outros e do mundo em que vivemos. Por isso podemos dizer que o ser humano se constitui e se desenvolve nas palavras, se conhece e interage com o mundo também por meio delas. Deste modo, sustentamos que o ser humano é enquanto palavra. Aristóteles também acrescenta essa concepção de Larrosa ao definir o homem como *Zôon Lógon échon*, expressão que traduzida significa “vidente dotado de palavra”.

Pelizzoli (2012) soma à essa compreensão, considerando que se comunicar é nada menos que o ápice do fato da vida estabelecer-se como relação. Para ele, as pessoas são seres num mundo vital, sistêmico, onde os indivíduos encontram sentido apenas em relação, relacionados desde seu corpo e alma, a ponto de não poder identificar um indivíduo de modo isolado a não ser por uma operação artificial. Ainda nessa perspectiva, Paulo Freire (1983) considera que não existe pensamento isolado, na medida em que também não há homem isolado.

A Comunicação, ato que reside na relação entre as pessoas, na sociabilidade, é, portanto, o fato de exercer a vida, constituindo, portanto, o que as pessoas são a cada momento. Além disso, a comunicação constitui, dessa maneira, o espaço público, ou seja, o espaço cognitivo em que as mentes das pessoas recebem informação e formam os seus pontos de vista através do processamento de sinais da sociedade no seu conjunto (CASTELLS, 2006 p. 23).

Vale ressaltar ainda que, nessa perspectiva, a comunicação se torna o ato central de experiência da vida humana. Para mais, Pelizzoli (2012) reitera que comunicação não é apenas jogo de signos e significantes, não é apenas falar, escrever e sinalizar, não é um mero instrumento, não é um corpo de estudos ou uma ideologia, não é um jogo gramatical e de léxicos, mas a linguagem vital, e como tal, ambiente/meio da vida humana como sociabilidade.

Destaca-se nesse contexto, segundo Perles (2007) que compreender o processo de comunicação humana, implica voltar no tempo, buscar as origens da fala, o desenvolvimento das linguagens e verificar como e por que ele se modificou ao longo da história.

Após contextualizar a importância da comunicação como elemento em que o homem, por meio das relações estabelecidas na interação social, valida sua existência, se faz necessário apresentar o cenário dessas condições relacionais no contexto pós-moderno. É preciso entender como as circunstâncias do período atual têm influenciado na forma como as pessoas interagem, se comunicam, relacionam e, portanto, existem.

No decorrer da história do homem, a tecnologia esteve presente como advento que não só facilitou, mas também estendeu funcionalidades humanas. (MCLUHAN, 2005). Essas inovações, antes mesmo do seu uso para a comunicação, operavam para a sobrevivência humana. Isto posto, Perles (2007) explica que para que a comunicação humana alcançasse o estágio atual, tanto em volume e formatos, quanto em velocidade, foram necessárias diversas transformações fisiológicas e processos tecnológicos revolucionários. Para o autor, algumas mudanças aconteceram há tanto tempo que quase nunca são mencionados ou percebidos pelo homem, mas os seus traços se conservam e, vez ou outra, se fazem presentes nos gestos, expressões e ruídos que emitimos.

No século XXI, essas mudanças são percebidas com o crescente avanço tecnológico de aparatos eletrônicos em que as relações entre as pessoas sofreram grandes transformações. Os dispositivos tecnológicos, devido sua praticidade, inovação e velocidade, tornaram-se tanto onipresente quando indispensáveis à dinâmica da vida. Nesse sentido, para Lúcia Santaella (2013), ser uma pessoa em sociedade nos dias de hoje, requer múltiplas habilidades para conexões simultâneas, capacidades para processar informações além disso, competências para opinar e se posicionar diante das coisas.

A autora argumenta que:

[...] ser cidadão nessa sociedade hipercomplexa, que potencializa a hipersociabilidade, significa tornar-se capaz de distinguir entre diferentes linguagens e mídias, suas naturezas comunicativas e específicas, suas injunções político-sociais e, a partir disso, ter condições para desenvolver a capacidade de levantar perguntas acerca de tudo que lemos, vemos e escutamos (SANTAELLA.L, 2013 p.13).

Concordando com a Professora Santaella, o pesquisador Manuel Castells (2006, p.17), explica que o nosso mundo está em processo de transformação estrutural desde há duas décadas. Para ele, esse processo é multidimensional, mas está associado a crescente de um novo paradigma tecnológico, baseado nas tecnologias de comunicação e informação, que começaram a tomar forma nos anos 60 e que se espalharam de forma desigual por todo o mundo.

Soma-se ainda que, nessa complexidade da era pós-moderna, as múltiplas tecnologias de comunicação passaram a mediar as relações entre as pessoas, determinando novas formas de relacionamento individual e social. Castells (2006) alerta que vivemos em uma sociedade em rede e o acesso instantâneo a esse espaço de sociabilidade virtual é tão banal que em contrapartida esquecemos de perceber como ainda é algo novo desde o surgimento. Não tivemos tempo de processar sobre possíveis erros e como nos impactaria como sociedade.

Nesse sentido, alguns pensadores como Zygmunt Bauman¹ (2011) já apontavam para as consequências negativas do uso das tecnologias para as relações. Para Bauman (2011), originou-se a humanidade líquida, composta de relações com pouca capacidade de presença, sem intuito de permanência, em que as palavras perderam/mudaram seus significados e a comunicação se banalizou em forma de violência.

Sobre isso Bauman (2011) concluiu que a experiência da sociedade em rede a qual vivemos hoje se difere da experiência de sentido de comunidade. Para o sociólogo, ao contrário da comunidade, a rede é feita e mantida viva por duas habilidades diferentes: conectar e desconectar. Na rede, é fácil conectar,

¹ Programa Café filosófico, Entrevista com Zygmunt Bauman. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=al_te8T7sRU> acesso: 21/10/2019.

fazer amigos, mas por outro lado, o maior atrativo da conectividade em rede reside na facilidade de desconexão. Vale ressaltar também que, ao considerar relações off-line, corpo a corpo constata-se que romper laços revela-se sempre um evento traumático. Por isso a possibilidade de tornar os relacionamentos rasos, ou seja, fáceis de chegar e sair, torna-se tão atrativa para os seres humanos.

A necessidade de estar “online” constantemente e em qualquer lugar, nos mostra como esse ciclo vicioso da tecnologia impacta diretamente as relações humanas no mundo físico. Esse processo parece gerar falta de diálogo visto que abdicamos da nossa presença no relacionamento íntegro com nossos grupos sociais para estar conectado em rede.

Vivemos imersos grande parte do tempo no mundo virtual, dando mais atenção ao desconhecido, às pessoas aleatórias que aparecem em nossas redes sociais, do que o nosso próprio meio social, como um todo - família, amigos e trabalho. Existe uma busca constante por esse lugar que é mais “confortável” para um diálogo camuflado, adaptado e com menos chances de julgamentos, a internet.

Sobre esse aspecto, podemos acrescentar também que as relações pós-modernas, muito pautadas pela velocidade, pela produtividade e pelo excesso de opiniões, perderam sua condição de relação, de dialógico, de comunicação. Para Dominic Barter² (2017), tanto a correria do dia a dia, como o olhar constante na produtividade, nos resultados, dificulta a possibilidade de relação que se dá na qualidade de processo.

Ressalta-se ainda que, nessa circunstância, Leandro Karnal³ chama atenção não só para o excesso de informação, mas também para o excesso de opinião. Segundo ele: “hoje a informação está ao alcance de todos e cada um acredita que deve dar opinião sobre tudo. Esquece-se que informação é diferente de conhecimento, este obtido pelo estudo contínuo sobre determinado tema. Hoje todos falam, ninguém escuta e todos têm razão”.

Sobre esse assunto, BONDÍA (2002) acrescenta que:

² Programa Milênio - Globo News. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8m50R7ezU00&t=11s>>. Acesso em: 01/10/2019.

³ Palestra cedida à COVECON. Disponível em: <<http://convecon.com.br/site/palestra-magna-transformacao-digital-e-o-fator-gente/>>. Acesso em: 01/10/2019.

[...] O sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobre tudo aquilo de que têm informação. Para nós, a opinião, como a informação, converteu-se em um imperativo. Em nossa arrogância, passamos a vida opinando sobre qualquer coisa sobre que nos sentimos informados. E se alguém não tem opinião, se não tem uma posição própria sobre o que se passa, se não tem um julgamento preparado sobre qualquer coisa que se lhe apresente, sente-se em falso, como se lhe faltasse algo essencial. E pensa que tem de ter uma opinião.

O autor explica que muitas vezes, nessa tendência, passamos a usar expressões como era da informação ou era do conhecimento tal qual se elas fossem equivalentes. No caso, muito se confunde ao aproximar palavras como informação e conhecimento. Diferente do colocado, conhecimento não se dá em forma de informação e uma sociedade constituída sob o signo da informação é uma sociedade na qual a experiência é impossível.

A discussão passa pela na ideia de que nos tempos atuais, não só o fácil acesso a qualquer tipo de informação, mas também as diversas fontes e meios disponíveis, geram um descontrole da relação entre informação e conhecimento. A informação é adquirida de forma rasa e vasta, ao passo que o conhecimento se dá na profundidade e na durabilidade. Por isso essas palavras não podem em qualquer hipótese, serem colocadas como sinônimos.

Sobre essa questão, Bondía complementa:

[...] O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça. A primeira coisa que gostaria de dizer sobre experiência é que é necessário separá-la da informação. E o que eu gostaria de dizer sobre saber de experiência é que é necessário separá-lo de saber de coisas, tal como se sabe quando se têm informação sobre as coisas, quando se está informado. [...] (BONDÍA, 2002, p. 22).

Assim como Bondía, o biólogo Edward Wilson (2018) reitera que a humanidade está se afogando em informações, enquanto anseia por sabedoria. Para Wilson (2018), a partir de agora, o mundo será dirigido por sintetizadores, pessoas capazes de reunir as informações certas no momento certo, pensar criticamente sobre elas e fazer escolhas importantes com sabedoria.

Quando colocamos informação e conhecimento como equivalentes, emergem as citadas opiniões imperativas⁴, que excluem a qualidade dialógica e, por conseguinte, impedem trocas saudáveis e resolução de conflitos. Além disso, nesse processo, a mídia parcial, regida por interesses particulares também assume papel fundamental, direcionando pontos de vista e alienando a população.

Essa dinâmica pode ter culminado na recente polarização social presente em praticamente todo o mundo, em que a comunicação, ao invés de aproximar e solucionar conflitos, afastou e agrava desigualdades. Para Mujica⁵, em entrevista cedida à Pedro Bial, uma polarização extrema culmina na paralisação de uma sociedade, o que transforma o cenário em pura confrontação.

Destaca-se também que em uma sociedade constituída sob o signo do materialismo e do individualismo, as noções de sentido de comunidade e/ou nação homogênea se perderam, originando graves conflitos. Pesquisas recentes⁶ do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) apontam que o grau de violência entre as pessoas vem crescendo no decorrer da história. Poderíamos recorrer também que essa violência tem suas bases em estruturas muito antigas de dominação, em que o homem, por meio da força e da linguagem passou a dominar outros seres humanos conforme hierarquias de poder.

Essa dinâmica de violência se deu, segundo Harari (2011), porque os humanos criaram ordens imaginadas que passaram a controlar as pessoas por meio de sistemas de hierarquia. Para ele, as hierarquias surgiram em consequência de um conjunto de circunstâncias históricas que estimularam o controle, discriminação e uma série de preconceitos, impregnando a consciência humana em um nível muito profundo.

Sobre a temática, o autor explica que:

[...] as ordens imaginadas que sustentavam essas redes nunca foram neutras nem justas. Elas dividiam as pessoas em pretensos grupos, dispostos em uma hierarquia. Os níveis superiores desfrutavam de

⁴ termo cunhado por Jorge Larrosa (2002) que incorpora a ideia de que na pós-modernidade o homem, movido pelo excesso de informação rasa e pela cultura da opinião, sem embasamento ou conhecimento, atravessa a possibilidade de diálogo e conciliação entre os diferentes pontos de vista.

⁵ Programa Conversa com Bial - Entrevista cedida à Globo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Hhs982WCHdo&t=552s>>. Acesso: 07/10/2019

⁶ Dados do IPEA - Atlas da violência. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>>. Acesso: 07/10/2019.

privilégios e poder, enquanto os inferiores sofriam de discriminação e opressão. [...] Apesar da proclamação da igualdade entre todos os homens, a ordem imaginada constituída pelos norte-americanos em 1776 também estabeleceu uma divisão. Criou hierarquias entre homens, que se beneficiavam dela, e mulheres que ficaram desprovidas de autoridade. Criou uma hierarquia entre brancos, que desfrutavam de liberdade, e negros e indígenas, considerados humanos de espécie inferior, não compartilhando, assim, dos direitos igualitários dos homens. (HARARI, 2011, p.184)

Dialogando com essa explicação de Harari (2011), Dominic Barter⁷ discorre que existe uma lógica de dominação que orienta como as pessoas vivem, o que corrobora para o sofrimento, a falta de escuta e a falta de estabelecer relações de parcerias.

A respeito dessa realidade, Rosenberg (2006), concebe o termo comunicação alienante para se referir à essa linguagem de dominação. Para ele, essa comunicação, originada de sociedades baseadas na hierarquia ou dominação, estabeleceu os limites do certo e do errado, iniciando os processos de punição, carregados de sentimentos de culpa e medo.

Sobre isso Rosenberg (2006) explica que:

[...] A comunicação alienante da vida tanto se origina de sociedades baseadas na hierarquia ou dominação quanto sustenta essas sociedades [...] é do interesse dos reis, czares, nobres etc. que as massas sejam educadas de forma tal que a mentalidade delas se torne semelhante à de escravos. A linguagem do "errado", o "deveria" e o "tenho de", é perfeitamente adequada a esse propósito: quanto mais as pessoas forem instruídas a pensar em termos de julgamentos moralizadores que implica que algo é errado ou mau, mais elas serão treinadas a consultar instâncias exteriores - as autoridades - para saber definição do que constitui o certo, o errado, o bom e o mau. Quando estamos em contato com nossos sentimentos e necessidades, nós, humanos, deixamos de ser bons escravos e lacaios (ROSENBERG, 2006, p.47).

Ainda nessa perspectiva, Marshall Rosenberg (2006), adiciona que essas estruturas de dominação intituladas no decorrer da história da humanidade influenciaram na forma como nos comunicamos até hoje, encorajando pessoas a dominarem outras por meio da linguagem e do uso das palavras.

Sobre esse tema, o autor aponta que:

⁷ Programa Milênio - Globo News. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8m50R7ezU00&t=11s>>. Acesso em: 01/10/2019.

[...] a maioria de nós cresceu usando uma linguagem que, em vez de nos encorajar a perceber o que estamos sentindo e do que precisamos, nos estimula a rotular, comparar, exigir e proferir julgamentos. Acredito que a comunicação alienante da vida se baseia em concepções sobre a natureza humana que exerceram influência durante vários séculos. Tais visões dão ênfase à nossa maldade e nossa deficiência inatas, bem como a necessidade de educar para controlar nossa natureza inerentemente indesejável (ROSENBERG, 2006, p.47).

Rosenberg (2006) enxergou que as dinâmicas interacionais estabelecidas à base da dominação e da violência poderiam ser classificadas como o obstáculo evolutivo da humanidade. Isso porque a comunicação presente pode ser vista tanto como empecilho relacional, quanto possibilidade de transformação e avanço. É por meio desse caminho, o processo comunicativo, que temos a chance de aproximação, diálogo e evolução ao invés de insistirmos nas ideias de poder, dominação ou confronto.

Tendo em vista toda a dinâmica relacional apresentada, entendemos que revela-se tão necessário, quanto urgente repensarmos uma nova perspectiva da comunicação, porque, tendo esta como a fonte primária de existência em sociedade, é nela que se estabelecem possibilidades de diálogo, reconciliação e transformação social. Sobre essa condição, a poeta Lya Luft (2003) aponta: “por meio de gestos, silêncio e palavras construímos pontes em cima das águas turvas ou cavamos o fosso dos mal-entendidos”.

Por acreditarmos no potencial revolucionário do uso consciente da comunicação, tomaremos como embasamento primordial dessa pesquisa, o estudo do psicólogo e pesquisador Marshall Rosenberg, o precursor da comunicação-não-violenta (CNV), prática que revelamos nessa pesquisa como sendo uma ferramenta de resgate da comunicação vital.

A CNV surge como uma proposta de pesquisa acerca de uma nova forma de comunicação, capaz de transformar o desencontro em compaixão. Nós acreditamos que a partir desse paradigma de comunicação, e de outras práticas, possamos alcançar grandes transformações para uma sociedade mais humana.

No despertar do estudo, Marshall Rosenberg⁸ conta que em determinado momento passou a questionar o porquê de algumas pessoas gostarem de ver o

⁸ Entrevista com Marshall Rosenberg. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AbQTnHirOnw&t=14s>> Acesso em: 07/10/2019.

sofrimento de outras. Sobre isso, ele diz que a violência tinha se tornado agradável, as pessoas acham heroico punir aquelas julgadas de más. Relaciona-se também com essa perspectiva que, conforme Bourdieu (2009), quando classes dominadoras exercem seu poder sobre classes minoritárias, a violência simbólica se vulgariza, gerando graves repercussões na sociedade de ordem moral e psicológica.

Apoiado nisso, Rosenberg (2006) se perguntava “como outras pessoas, na mesma sociedade se comportam de forma oposta à essa?”, isto é, se alegram, não por acreditarem que pessoas más precisam ser punidas, mas obtém sua alegria contribuindo para o bem-estar de outras pessoas.

A partir dessa observação, Rosenberg (2006) percebeu que havia não apenas uma linguagem diferente, mas também que a consciência era outra. Por isso ele decidiu se aprofundar em pesquisas para descobrir mais sobre a natureza da comunicação que nos incentiva a nos conectarmos de forma que gostamos de contribuir para o bem-estar do outro. Essa foi a partida para o desenvolvimento da comunicação não-violenta como prática e pesquisa diárias.

Rosenberg (2006, p.32) mostra que:

[...] a CNV nos ajuda a nos ligarmos uns aos outros e a nós mesmos, possibilitando que nossa compaixão natural floresça. Ela nos guia no processo de reformular a maneira pela qual nos expressamos e escutamos os outros, mediante a concentração em quatro áreas: o que observamos, o que sentimos, do que precisamos, e o que pedimos para enriquecer nossa vida. A CNV promove maior profundidade no escutar, fomenta o respeito e a empatia e provoca o desejo mútuo de nos entregarmos de coração. Algumas pessoas a usam para responder compassivamente a si mesmas; outras, para estabelecer maior profundidade em suas relações pessoais; e outras, ainda, para gerar relacionamentos eficazes no trabalho ou na política. No mundo inteiro, ela é utilizada para mediar disputas e conflitos em todos os níveis.

Pelizzoli (2012) aponta que a CNV ensina as pessoas a falarem como seres humanos de verdade. Para ele, é um modo de acessar uma inteligência relacional em forma de linguagem, que toca virtudes fundamentais da vida social e dos grupos.

Segundo esse autor:

[...] a cnv é a tomada de consciência de nossas necessidades, nossa humanidade, nossa capacidade de conexão e nossa capacidade de comunicação, para além de qualquer linguagem rebuscada ou especulações gramaticais e lógicas. (PELIZZOLI, 2012).

Quando nos deparamos com o estudo da CNV, a palavra empatia é apresentada como pontapé para a prática. Essa palavra nada tem a ver com concordar ou se colocar no lugar do outro, na verdade ela traz a ideia de nos colocarmos atentos para reconhecer uma outra pessoa na sua humanidade, e partir daí conectar com o que há de comum enquanto seres humanos. Para Dominic Barter⁹ (2017), a empatia é a volta do processo de convivência nas relações que se perdeu com o olhar constante na produtividade que visa resultados.

Sobre isso, Dominic Barter (2017) explica que:

Empatia é procurar se conectar com o outro, através do que compartilhamos apesar de todas as diferenças. Diz respeito a capacidade de reconhecer o outro na sua humanidade. É a disponibilidade de estar presente com a experiência de um indivíduo - sem tentar mudá-la, educá-la, resolvê-la, seja boa ou ruim. Só estar em presença.

Para Rosenberg (2006), a comunicação não-violenta é uma forma de conexão que leva as pessoas a se entregarem de coração. E para isso, “a CNV se baseia em habilidades de linguagem e comunicação que fortalecem a capacidade de continuarmos humanos, mesmo em condições adversas” (ROSENBERG 2006, pg.21).

Sobre essas condições adversas, acrescentamos ainda, como importante elemento da nossa pesquisa o fato de que as relações estabelecidas por meio da comunicação para a vida social, possuem uma vasta carga de complexidade emocional e estrutural. Isso quer dizer que precisamos olhar para a nossa relação com os conflitos inerentes ao ser em sociedade. Construiu-se ou longo do tempo a crença de que conflitos refletem algo negativo. Nunca são vistos como uma possibilidade de movimento ou mudança que, na maioria das vezes, representa conquista, crescimento e evolução.

Para Dominic Barter (2017): “precisamos dialogar sobre o que nos é comum enquanto indivíduos, logo, resolver os nossos conflitos nos ajuda a evoluir como sociedade”. Os conflitos fazem parte da dinâmica da sociedade como um todo, possibilitam transformar os indivíduos, seja em sua relação com

⁹ Entrevista para Milênio. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8m50R7ezU00>> Acesso em: 05/11/2019

o outro, seja na relação consigo mesmo. Ainda nesse sentido, os autores Ecco; Paludo; Nogaro (2012) afirmam que os contrastes existentes entre os seres nem sempre são destrutivos; o que é considerado negativo é a falta de habilidade de lidar com as discórdias.

Sobre esse aspecto, Pelizzoli (2012) explica que o campo relacional é contemplado pelo desequilíbrio e pelo equilíbrio, pelo conflito e pela conciliação. Tais expressões da existência são tão opostas quanto codependentes e necessárias ao fluir cíclico da vida em sociedade.

Soma-se a essa compreensão que:

[...] a vida social é regida por trocas de coisas e energias, de climas emocionais, de estados mentais, de dívidas e direitos, num verdadeiro jogo sistêmico com algumas regras e com muita complexidade e possibilidades em aberto; circula entre nós essencialmente amor e ódio, ligação e repulsão. (PELIZZOLI, 2012, pg.3)

Nesse contexto, Marshall Rosenberg (2006) incentiva a recuperação de um diálogo necessário, pautado pela não violência que, segundo o psicólogo significa permitirmos que venha à tona aquilo que existe de positivo em nós e que sejamos dominados pelos valores da empatia, inclusão, pertença, solidariedade e escuta das necessidades do outro, a fim de termos uma convivência mais compassível.

Pretende-se, portanto, com a CNV desenvolver consciência comunicativa. Pelizzoli (2012) aponta que “para entrar no mundo da compreensão e da linguagem, seu sentido inter-humano profundo, bem expresso na palavra diálogo, é preciso aceder ao ser-no-mundo, aos valores comunitários fundamentais que nos constituem como seres sociais.” A prática tem o objetivo de incentivar a autoeducação para que se restabeleça a confiança mútua entre pessoas.

A CNV convida para que seja reformulada a maneira pela qual as pessoas se expressam e escutam os outros. Para Rosenberg (2006, p.21) “[...] Nossas palavras, em vez de serem reações repetitivas e automáticas, tornam-se respostas conscientes, firmemente baseadas na consciência do que é percebido, dito e desejado”.

O Processo da Comunicação Não-Violenta expressa-se por meio de quatro componentes: observação, sentimento, necessidades e pedido.

Obedecendo a esse processo, as pessoas se tornam capazes de identificar os comportamentos e condições que estão afetando os envolvidos, possibilitando a articulação clara do que se deseja. Vale ressaltar ainda que a prática pode ser aplicada com pessoas que não conhecem a CNV ou até com aquelas que não estão motivadas a se comunicar de maneira compassiva. Sobre isso, é possível que, com essa ferramenta, as pessoas se tornem capazes de auxiliar empaticamente umas às outras no processo da CNV, o qual iremos indicar em seguida.

Pontuando as etapas desse processo, podemos explicar de maneira breve que a primeira é a observação das ações concretas que afetam o bem-estar; a segunda é a clareza do sentimento envolvido em relação ao observado; a terceira é a identificação da necessidade que precisa ser atendida para que, na quarta etapa, um pedido claro seja feito.

Para tal, Rosenberg (2006) explica:

[...] Primeiramente, observamos o que está de fato acontecendo numa situação: o que estamos vendo os outros dizerem ou fazerem que é enriquecedor ou não para nossa vida? O truque é ser capaz de articular essa observação sem fazer nenhum julgamento ou avaliação - mas simplesmente dizer o que nos agrada ou não naquilo que as pessoas estão fazendo. Em seguida, identificamos como nos sentimos ao observar aquela ação: magoados, assustados, alegres, divertidos, irritados etc. Em terceiro lugar, reconhecemos quais de nossas necessidades estão ligadas aos sentimentos que identificamos aí. Temos consciência desses três componentes quando usamos a CNV para expressar clara e honestamente como estamos. (ROSENBERG, 2006, p.25).

O primeiro passo da CNV citado acima, refere-se a observação das ações, que inclui o não julgamento diante das coisas. Sobre isso, Rosenberg (2006, pg.51 apud JOHNSON) explica que há uma desarmonia entre o nosso mundo e a linguagem, o mesmo observou que criamos muitos problemas para nós mesmos ao usarmos uma linguagem estática para expressar ou captar uma realidade que está sempre mudando. A respeito dessa realidade o autor explica:

Nossa linguagem é um instrumento imperfeito, criado por homens antigos e ignorantes. É uma linguagem animista, que nos convida a falar a respeito de estabilidade e constâncias, de semelhanças, normalidades e tipos, de transformações mágicas, curas rápidas, problemas simples e soluções definitivas. No entanto, o mundo que tentamos simbolizar essa linguagem é um mundo de processos, mudanças, diferenças, dimensões, funções, relações, crescimentos, interações, desenvolvimento, aprendizado, abordagem, complexidade

e o desencontro entre este nosso mundo sempre em mutação e as formas relativamente estáticas de nossa linguagem é parte de nosso problema. (ROSENBERG apud JOHNSON, 2006, p.51)

O uso constante de palavras estáticas que são mais fáceis de serem mal interpretadas, como por exemplo: “sempre, nunca, jamais”, são vistas como exageros de linguagem e inclinam-se para a violência. O emprego delas repercute uma avaliação negativa, dando a entender que não há esperança de mudança sobre o que foi falado, fazendo o receptor adentrar em uma reação defensiva. Essas palavras na maioria das vezes servem como gatilhos para uma discussão ou ausência de diálogo.

Diante disso, analisa-se que parte do problema se encontra em nossa linguagem fixa que não dialoga com o mundo dinâmico em que vivemos. Como consequência dessa nossa dinâmica analítica, Rosenberg (2006, p.57) explica que “quando combinamos observações com avaliações, os outros tendem a receber isso como crítica e resistir ao que dizemos.”

Sobre isso, podemos explicar essa condição apontando que, normalmente, quando observamos uma situação ou fazemos parte dela, buscamos nos posicionar, assumindo os conflitos numa perspectiva de guerra, em que classificamos as pessoas como vítimas e agressores. Nessa lógica, passamos a adjetivar uns aos outros como bons ou ruins e, por outro lado, a nos CNV ensina que não existem essas classificações, na verdade somos seres que pulsam sentimentos e necessidades as quais podem estar em desarmonia. Podemos assumir que conhecemos esses sentimentos e necessidades e que existem grandes possibilidades de nos conectarmos por meio deles. Isso por que são coisas que temos, como seres humanos, em comum uns com os outros

Esse passo também tem a ver com perceber que naturalmente somos seres que julgam, que analisam e tomam interpretações como verdades. Porém, nessa tentativa, a prática é dissociar qualquer tipo de análise ou adjetivo moralizante para interpretar alguém ou a si mesmo. Aqui a ideia é observar e deixar que sejam ampliadas as percepções da situação, identificando o que vem à tona para nós.

Em seguida, o segundo passo da CNV, refere-se a identificação daquilo que estamos sentindo para nos expressarmos com clareza. As práticas da Comunicação não-violenta nos levam a reflexão da importância de nossos

sentimentos. Temos o hábito de camuflamos, por meio da linguagem o que estamos sentindo. Fazemos de tudo para não entrarmos em estado de vulnerabilidade. Isso acontece porque nunca fomos instruídos a identificar sentimentos ou nomear nossas sensações. Fomos encorajados a sentir cada vez menos, é muito comum escutar nossos pais dizerem “chorar é coisa de gente fraca”. A referida frase exemplifica o hábito de não nos conectarmos com o que estamos sentindo, como fora citado anteriormente.

O verbo **sentir** significa¹⁰: “ter o sentimento de; ter a sensação; perceber através dos sentidos” [...]. Porém estamos tão afastados desses sentidos que não conseguimos encará-los, diferenciá-los ou nomeá-los. Esse afastamento dos sentimentos pode ser visto, por exemplo, com o nosso costume de empregar o verbo “achar” no lugar de sentir, como uma forma de banalização da palavra. Sobre esse aspecto, Rosenberg (2006, p.68) demonstra na frase “sinto que consegui um acordo justo” que a palavra sinto poderia ser mais precisamente substituída por penso, creio ou acho.

Em contrapartida, exemplificando como a CNV propõe a atenção aos sentimentos, vale apontar que na frase que: “estou me sentindo desapontado comigo mesmo por ter faltado a aula mais uma vez”, o sentimento pulsante por trás dessa fala é compreendido, o que tornaria a frase mais clara e sincera sobre o ocorrido.

Nesse caso, a CNV nos convida a observarmos nossas sensações, buscando descrever claramente o estado emocional que nos encontramos, para que possamos nomear esse estado, ao invés de escondê-lo por detrás de uma máscara. Essa maneira nociva de não valorização dos sentimentos também atrapalha as pessoas a se conectarem com aquilo que necessitam, já que todo sentimento é um sinal de que uma necessidade não está sendo atendida. Por não sermos capazes de compartilhar sentimentos, prejudicamos também nossos relacionamentos sociais e afetivos, uma vez que precisamos ser compreendidos por aqueles que nos relacionamos para que se estabeleça empatia. A respeito disso, Rosenberg (2006, p. 95) recomenda que nos atentemos para essa dinâmica porque segundo ele “quanto mais diretamente pudermos conectar os

¹⁰ Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/sentir/>>, acesso em: 05/11/2019.

nossos sentimentos as nossas necessidades, mais fácil será para os outros reagir compassivamente.”

Sobre a segunda etapa do processo da CNV, Marshall Rosenberg argumenta que:

Desenvolver um vocabulário de sentimentos que nos permita nomear ou identificar de forma clara e específica nossas emoções nos conecta mais facilmente uns com os outros. Ao nos permitirmos ser vulneráveis por expressarmos nossos sentimentos, ajudamos a resolver conflitos. A CNV distingue a expressão de sentimentos verdadeiros de palavras e afirmações que descrevem pensamentos, avaliações e interpretações. (ROSENBERG, 2006, pg. 79).

O terceiro componente do processo da comunicação não-violenta sugere que as pessoas busquem, depois de nomear seus sentimentos, conectar essas sensações à algo que elas necessitam. Para Marshall Rosenberg (2006), essa necessidade não atendida que se revela por meio dos sentimentos, pode ser facilmente identificada se tomarmos como verdade que todos os seres humanos têm necessidades em comum. Ele explica ainda que é nesse lugar em que as pessoas têm a possibilidade se conectarem de forma profunda, criando compaixão umas com as outras.

Por outro lado, a tendência das pessoas quando utilizamos a comunicação alienante é atribuir a “culpa” pela desarmonia de necessidades aos outros. Sobre isso, “as práticas de Comunicação não-violenta aumentam a nossa consciência de que o que os outros dizem e fazem pode ser o *estímulo*, mas nunca a *causa* dos nossos sentimentos.” (ROSENBERG, 2006, p.79, grifo do autor).

Complementando essa ideia, Rosenberg (2006) assume que: “infelizmente, a maioria de nós nunca foi ensinado a pensar em termos de necessidades. Estamos acostumados a pensar no que há de errado com as outras pessoas sempre que nossas necessidades não são satisfeitas”.

Porém, quando compreendemos o processo, notamos que, conforme sugerido na prática da CNV, ao conectarmos nossos sentimentos às nossas necessidades, nos tornamos completamente responsáveis por nosso estado emocional, uma vez que ele apenas nos revela o que está em desarmonia dentro de nós porque temos necessidades próprias. Para Marshall Rosenberg (2009), o reconhecimento das necessidades, sugere que as pessoas conversem sobre

o que precisam, em vez de falarem do que está errado com as outras, com isso aumentam as possibilidades de atender as necessidades de todos.

O quarto e último componente da CNV é o pedido. Para entender essa etapa, é importante notar que a forma com a qual fazemos um pedido implica diretamente se a resposta será positiva ou negativa. Temos o costume de, na hora de pedir algo a alguém, buscar maneiras de não expressar o que se quer de forma direta e clara. Isso porque, segundo Marshall Rosenberg (2006) temos dificuldade de nos vulnerabilizar, o que nos leva a ter medo de precisar dos outros. E nós não apenas precisamos, mas dependemos das outras pessoas para uma vida harmônica.

De maneira geral, quando fazemos pedidos, temos o costume de colocar um “não” na frase, dessa forma, não expressamos o que queremos de forma clara, mas sim o que não queremos, ressaltando ainda mais o que nos fez mal e sem especificar o que de fato desejamos. Marshall Rosenberg (2006) constata que muitas vezes, a falta de consciência sobre o que se deseja dos outros, contribui significativamente para frustrações e depressão. O autor explica que através da CNV entendemos a importância da formulação de pedidos por meio de uma linguagem clara, positiva e de ações concretas que revelam o que realmente queremos. Entende-se que as pessoas, quanto mais claras forem a respeito do que querem obter, mais provável será que o consigam.

Podemos resumir então que a CNV não se trata apenas do uso consciente da comunicação, mas que ela atende à uma nova conscientização de si, do outro e do mundo ao redor. Para essa ideia se constituir como prática é necessário, portanto, o exercício diário da escuta empática, a identificação dos sentimentos presentes e a observação das necessidades não atendidas, para que, de forma responsável, possamos definir o que precisamos e tentar dialogar numa perspectiva de construção de sentido em comum. A partir desse ponto o tema central – CNV – será explorado nos capítulos seguintes juntamente com o objeto de estudo.

3. ESPAÇO CRIA: COMPREENDENDO A ESCOLA, VALORES E PRINCÍPIOS

Rosenberg (2006) constata que a Comunicação Não-Violenta, com alcance mundial, tem servido de recurso para comunidades que enfrentam graves conflitos e tensões de natureza étnica, religiosa ou política. Também é aplicada no desenvolvimento de novos sistemas sociais, orientando em prol de parceria e o compartilhamento de poder, principalmente na área de educação. É um processo de pesquisa contínuo que explora a comunicação nas esferas pessoal, interpessoal e social proporcionando formas de gerir relacionamentos saudáveis.

Essa abordagem comunicativa se aplica de maneira eficaz em todos os níveis de comunicação e nas diversas situações, como nos relacionamentos íntimos, na família, em escolas, nas organizações e instituições, em terapias e aconselhamentos, em negociações diplomáticas e nas disputas e conflitos de toda natureza.

Nesse trabalho de pesquisa exploraremos a presença das práticas de CNV no âmbito das instituições escolares de ensino, principais e importantes promotores de valores humanos e transformações sociais. Por isso, para exemplificar e enriquecer o projeto, tomamos como objeto de estudo o Espaço Cria, escola presente no Rio de Janeiro e que desde 2015 busca, no contato com a CNV, atuar para mudanças importantes da relação entre as pessoas e o mundo.

Antes de prosseguir com mais detalhes sobre o objeto de estudo, convém explicar o processo metodológico que foi seguido para coletar os dados que serão apresentados/analísados aqui.

No momento em que começamos a pesquisar sobre comunicação não-violenta para tratá-la como tema para esse trabalho, ainda não tínhamos plena certeza de qual âmbito exploraríamos. No decorrer das pesquisas, das palestras assistidas e dos cursos frequentados, entendemos que, apesar da CNV servir à todos os espaços de maneira positiva, avaliamos que na educação, a presença dessa perspectiva relacional, representa uma potente possibilidade de transformação, por atender à mudanças de base que reconstituem estruturas sociais.

Além disso, queríamos estudar um local de referência da prática. Depois de decidir o âmbito, em palestras e em conversas informais, mais de uma pessoa do círculo da CNV, sugeriram que procurássemos o Espaço Cria. Posteriormente, o contato com a escola se sucedeu por meio de amigos conhecidos das fundadoras Mariana Oliveira e Livia Diniz, que desde o primeiro momento nos receberam com muita atenção e disposição para auxiliar na nossa busca.

O espaço Cria, localizado no Cosme Velho, atua na educação infantil com crianças de 10 meses até 7 anos. A escola surgiu da motivação de duas mulheres que se descobriram com a vontade fazer a diferença para um mundo melhor.

Mariana Carvalho, fundadora do Cria, é advogada e especialista em mediação de conflitos, trabalha com inovação educacional, mediação e habilidades para o diálogo. Já atuou nas áreas de Direito Ambiental, sustentabilidade empresarial, cidadania e educação. Ama conectar pessoas, empresas e organizações à propósitos criativos e com impacto positivo no mundo. Livia Diniz, também fundadora da escola é formada em Direito, pós-graduada em Pedagogia da Cooperação e Jogos Cooperativos. Trabalhou na área do Direito Ambiental, atuou em diversos projetos de sustentabilidade, atuou no terceiro setor na área ambiental e educacional. Criou um negócio social onde participou de vários projetos de inovação educacional. É também terapeuta em constelação familiar, leitora de aura e mãe do João e do Antônio.

As duas diretoras do Espaço Cria acreditam na tomada de consciência humana para a transformação mundial. Para o Cria¹¹ : “essa mudança se dará em direção à união: à medida que formos percebendo que somos um com todos os seres humanos, com o planeta e com o universo, passaremos a agir de acordo com essa consciência.”

Ambas se formaram pelo programa Gaia para educação¹², que segundo elas foi um ponto muito importante para a mobilização em prol da mudança.

¹¹ Post do Facebook: Espaço Cria. Disponível em: <https://www.facebook.com/espacocria/posts/2317824445197623>. Acesso em: 11/11/2019.

¹² O programa Gaia Escola foi concebido para oferecer aos que acreditam em um novo modelo educacional, uma oportunidade de reelaboração da sua cultura pessoal e profissional, o Gaia Escola apoia a implementação de uma nova abordagem pedagógica, que confere à reconfiguração das práticas as dimensões da sustentabilidade. Disponível em: <<https://ecohabitare.com.br/gaia-escola/>>. Acesso em: 24/11/2019.

Mariana participou do programa em 2011 e Lívia em 2012. A partir do Gaia para educação, houve uma movimentação de pessoas para a criação de um coletivo com o intuito de repensar a educação. Nesse coletivo de educação, em que Mariana e Lívia se conheceram, a inspiração do grupo refletia na busca por formas de inserir uma aprendizagem mais significativa nas escolas.

Depois disso, o Coletivo, já mais estruturado ganhou o nome de “Cocriare”, um negócio social que oferecia produtos de uma nova educação para escolas, como por exemplo aulas de educação ambiental. Também nasceu desse coletivo, o 1º Gaia jovem do mundo, prototipado pelas duas, ocorrido ainda em 2012 na PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro). O Gaia Education, portanto, foi determinante para a fundação do Espaço Cria, pois logo após o programa as duas entenderam que precisavam trabalhar com educação.

Em decorrência do primeiro coletivo de educação, houve uma articulação de pessoas de diferentes ramos de conhecimento, o que gerou a ampliação da discussão sobre a nova tomada de consciência também em outras áreas. Nessa medida, desse movimento, foi fundado o Coletivo Arca Urbana que se estendia em diferentes setores como alimentação, startups e educação. Esse último setor, o da educação era movido por Mariana e Lívia. Fazia parte desse movimento também na esfera da educação, Dominic Barter, o principal precursor da pesquisa em CNV no Brasil. Nesse setor eram pensados e prototipados projetos de educação para crianças e jovens.

Depois que o Coletivo Arca se desfez, originando várias frentes de mudanças, Mariana e Lívia deram sequências aos projetos para colocá-los em prática. A partir disso, nasce em 2014, o projeto Polén¹³ como embrião do que seria o Espaço Cria no ano seguinte. Esse projeto piloto serviu como experiências para o conhecimento do que realmente faria sentido para a cidade do Rio de Janeiro. Depois de experienciar o Polén em diferentes locais e estruturas, a ideia foi ganhando maior proporção o que culminou na concretização do Espaço Cria, que nasce de forma legal em 2017 ocupando desde aquele ano uma casa localizada no Cosme Velho. Hoje o Espaço Cria

¹³Entrevista sobre o Projeto Pólen com Mariana Carvalho, fundadora do Espaço Cria: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hYLGzFeRkn4>> Acesso em: 24/11/2019.

atende em torno de 120 crianças, sendo berço de movimentos em prol de uma educação mais significativa e viva.

Segundo as diretoras, o Cria é reconhecido por se tratar de um espaço de expressão livre do brincar. Lá eles prezam a liberdade para as crianças serem elas mesmas. O trabalho busca, por meio da conexão com a natureza, que pode ser visto na figura 1, e com educadores sensíveis, o desenvolvimento das crianças na sua máxima potência. O brincar é a linguagem da infância e também a linguagem do espaço Cria. Brincando é que são desenvolvidas as competências cognitivas, motoras e socioemocionais. Tudo isso permeado por valores humanos sempre com muita ludicidade, afeto e presença.

Figura 1: Conexão com a natureza no Espaço Cria



Fonte: Facebook Espaço Cria (2018)

O Espaço Cria, por compreender as crianças a partir de suas características individuais e por meio de suas famílias, também defende a ideia de uma educação pensada de forma diferente para cada ser. Mariana e Livia acreditam que não há apenas um modelo de educação universal para os indivíduos, tendo em vista que somos seres plurais, únicos e repletos de características próprias.

Sobre esse aspecto, Mariana Oliveira em entrevista¹⁴ salienta que não existe uma única maneira de educar, tendo em vista que cada ser tem um jeito

¹⁴ Entrevista da tv Alerg com Mariana Carvalho, fundadora do Espaço Cria: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GKpCAANKvXg>> Acesso em: 23/09/2019.

único de se expressar, as suas particularidades e complementa que a escola é para ser um lugar mutável, um ambiente seguro para o desenvolvimento das crianças.

A fundadora discursa sobre a importância das crianças desde novas terem poder de decisão, autonomia e intera que a escola tem o dever de ser um lugar de respeito, harmonia, conexão com o que é verdadeiro e de deixar a criança ser criança, descobrindo o processo de compartilhar e dividir.

Para a construção do propósito da escola, Mariana e Lívia contaram com inspirações que passaram a permear as relações do dia a dia no Cria. Entre essas principais inspirações está José Pacheco, fundador da escola da Ponte, conhecido pela defesa da educação significativa e Ivana Jauregui, idealizadora da aprendizagem viva e consciente. Além disso, no Cria existe uma gama de ferramentas, como a CNV, utilizadas nas interações entre as pessoas que são consoantes com a proposta desses importantes defensores de valores humanos.

Para Mariana¹⁵: “a educação têm significado quando ela acontece na relação, o mais importante para nós é perceber as relações”. Essa perspectiva complementa a ideia de Paulo Freire (1969) que conclui: “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. Essa ideia que considera a educação a partir da comunicação pode ser vista na figura 2, na interação de educadores e educandos por meio da contação de histórias.

Figura 2: Educação acontece na relação no Espaço Cria

¹⁵ Entrevista para Aprendizagem Viva com Mariana Carvalho, fundadora do Espaço Cria: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2sQkA7U3gl8>> Acesso em: 12/11/2019.



Fonte: Facebook Espaço Cria (2019)

O Espaço Cria define seus valores como: amor, respeito, autonomia, (auto)responsabilidade, sustentabilidade (cultural, ambiental, social e financeira). Para eles, esse conjunto de valores se dá de forma determinante por meio da prática diária na interação com cada indivíduo, sendo adulto ou criança e com o ambiente ao redor. A busca é para que esses valores estejam presentes nas mentes, falas e atitudes entre as pessoas que fazem parte da Escola.

Vimos até aqui, depois de percorrer os aspectos gerais sobre a escola, seus valores e condutas, como o Espaço Cria se apresenta para o mundo, se constitui como instituição de ensino e revela seus princípios. A partir do próximo capítulo, que reflete na análise e resultados, remontamos a visita à escola, em que revelamos, segundo nossa percepção, aquilo que coletamos sobre a instituição de ensino. Descreveremos como o Espaço Cria conduz a prática da comunicação não-violenta na escola, bem como preserva, por meio de ações, os valores ali defendidos.

4. VISITA À ESCOLA: RELATOS E REFLEXÕES

No dia 30 de outubro de 2019, depois de um primeiro contato atencioso por telefone com Mariana Carvalho, fundadora do Espaço Cria, estivemos na escola à convite da mesma em uma visita de pais. Ao chegar no Espaço Cria, nos deparamos com um ambiente cercado por vegetação tropical (figura 3) do Rio de Janeiro, com árvores e ambientes naturais preservados. Junto com 3 crianças e 7 adultos, fomos recebidos pela Lívia, também fundadora do espaço, que nos acolheu de maneira carinhosa, conduzindo o grupo para uma primeira apresentação em uma sala de reunião.

Figura 3: O brincar com a natureza no Espaço Cria



Fonte: Espaço Cria (2016)

Nesse primeiro encontro, Lívia nos contou sobre sua vida, sobre o que a levou investir no Espaço, suas inspirações, motivações e no que ela acredita para uma humanidade melhor. Já nesse momento percebemos que falávamos com uma pessoa apaixonada, curiosa e entusiasta. Entendemos que a escola não possui apenas um fim, mas que as pessoas envolvidas ali, acreditam verdadeiramente na mudança do dia a dia, na transformação de dentro para fora e que a educação para as crianças tem que caminhar junto com a reeducação dos adultos/educadores.

Essa perspectiva de um aprendizado que se dá na busca pela relação entre os indivíduos, remete à visão de Ivana Jauregui (2017)¹⁶ sobre o que ela chama de “espelho na educação”. Sobre essa ideia, Ivana Jauregui (2017) explica que ela é nada mais do que assumir que as crianças são um espelho da gente. Nesse sentido, a educadora argumenta que se todas as pessoas ficarem em paz, as crianças se libertam, porque elas são somente o reflexo do que temos dentro.

A respeito dessa relação, identificamos de prontidão a presença desse entendimento por meio da forma que Lívia se colocava diante de si mesma e de nós. Com poucos minutos de conversa captamos o interesse e curiosidades dela pela vida, revelada através dos anseios e vontade de mudança. Com isso percebemos que na escola, durante o processo educativo, os adultos precisam também buscar novas formas de se relacionar com o mundo.

E por outro lado, durante a visita, Lívia também nos conta que nos dias de hoje, nos tornamos adultos infantilizados que tentam “adultilizar” crianças. Ela comenta que atualmente nos esforçamos cada vez mais para rever traumas de infância em terapia, buscamos e valorizamos o “brincar” como um resgate de nossa essência perdida, mas ao mesmo tempo, encorajamos e estimulamos crianças a se comportarem como adultos.

Para a fundadora da escola, a nossa geração de adultos, devido circunstâncias históricas como a globalização, foi muito incentivada ao foco nos estímulos cognitivos da aprendizagem, direcionando as atividades para a produção de resultados, que deixa de lado muitas vezes não só capacidade da presença, mas também o desenvolvimento das habilidades emocionais. Por isso, Lívia aponta para a necessidade de repensarmos essas ideias de educação, identificando o quanto essas estruturas definiram o que somos hoje, numa tentativa de reconstruir essas relações para que as futuras gerações tenham experiências diferentes das nossas, se tornando seres humanos melhores.

Lívia comenta também sobre as consequências que podem ser identificadas nas crianças de hoje e que têm como causa esse olhar não atento para os aspectos da estrutura emocional das pessoas. Para ela, a crescente dos

¹⁶ Entrevista com educadora Ivana Jangueri. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EK76BkZfsw4>> Acesso em : 15/11/2019

casos de déficit de atenção, ansiedade e depressão não apenas em crianças, mas também nos jovens e adultos têm suas origens nessa realidade apresentada. Isso se deu, observa Livia, porque, com os valores voltados para o ter no lugar do ser, as pessoas, pais e mães foram levados para uma produção sem fim, passando pouco tempo com as crianças e muito tempo no trabalho. Há, segundo ela, uma deficiência de interioridade, de infância, acarretado pela carência de afeto e vínculo amoroso.

Sobre isso, identificamos que, assim como aponta Dominic Barter (2017) sobre a volta da qualidade de processo nas relações, no Espaço Cria, conforme revelado, também se defende a ideia de que precisamos desacelerar as relações humanas. Na escola, o foco é na relação, no caminho que leva à aprendizagem e não no resultado final disso, na produtividade. Isso porque, para eles, essa atenção à produtividade e aos resultados atravessou o aprendizado das habilidades emocionais, originando muitos problemas de saúde.

Dando sequência ao que é feito dentro do Espaço Cria, nessa conversa, Livia pontuou alguns dos valores empreendidos na Escola para o trabalho entre todas as pessoas. O Cria defende a ideia apontada por José Pacheco¹⁷ (2013), que reconhece que: “escolas são pessoas, pessoas são valores, valores são atitudes. Um projeto significa movimento coletivo. Ninguém muda a escola sozinho”.

Essa afirmação, por apontar para a responsabilização coletiva da educação, se relaciona também com a Pedagogia Sistêmica praticada na escola que visa a compreensão da criança para além das fronteiras tradicionais da escola, mas também a partir da relação desse ser na sua estrutura familiar.

Sobre a pedagogia sistêmica, Oliveira (2014) explica:

[...] Ela mostra como muitas das intervenções desenhadas para solucionar problemas na relação escola-aluno-família falham devido ao desconhecimento das leis inconscientes que governam o grupo familiar. Mostra ainda como é possível, através do conhecimento dessas leis, atuar de forma simples e marcante, atingindo os objetivos propostos.

De tal modo, notamos que o Cria, apostando nessa realidade, responsabiliza também pais e mães, os convocando para a participação ativa na vida escolar da criança, como podemos reparar nas figuras 4 e 5. Assim, esses

¹⁷Entrevista ao Carta Capital. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/educacao/esta-escola-nao-serve/>>. Acesso em: 06/11/2019.

pais se aproximam da escola, dos valores ali prezados e, por isso passam a participar efetivamente da tomada de consciência. Essa ideia aponta também para a posição da educadora Ivana Jangueri¹⁸(2017) que defende a necessidade da presença das famílias na educação. Reconhecemos, a partir desses relatos que no Cria a educação não funciona sem a família, um depende do outro, os dois precisam vivenciar a mesma linguagem e valores.

Figura 4: Dia da família no Espaço Cria



Fonte: Facebook Espaço Cria (2019)

Figura 5: Educação é união: família e escola

¹⁸Entrevista com educadora Ivana Jangueri. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EK76BkZfsw4> Acesso em :15/11/2019.



Fonte: Facebook Espaço Cria (2019)

No Espaço Cria¹⁹ defende-se o movimento adotado por Ivana Jauregui (2017) que traz um olhar sensível para as necessidades não só das crianças, mas também das crianças que habitam dentro de cada adulto. Nessa sequência, são propostas ferramentas de auto-observação e autoconhecimento que passam a ampliar a consciência para uma educação em que não se reproduzam padrões limitantes.

Sobre a atenção à necessidade não só dos educandos, mas também à dos educadores, o comentário da entrevistada remonta a ideia preconizada por Marshall Rosenberg (2006) que, explicando o processo da CNV, defende a importância de reconhecer as necessidades não atendidas. De tal modo, percebemos que a escola segue corroborando com os autores referenciados.

Durante a visita Lívia também explica que os ambientes da escola (figura 6) são todos pensados a partir da perspectiva da criança, com ambientes adaptados, cercados pelos estímulos e imaginários pertinentes à cada etapa do desenvolvimento das crianças.

Figura 6: Ambientes adaptados para a perspectiva das crianças no Espaço Cria

¹⁹ Post do Facebook: [espacocria](https://www.facebook.com/espacocria/posts/2333643836949017). Disponível em: <<https://www.facebook.com/espacocria/posts/2333643836949017>> . Acesso em: 15/11/2019.



Fonte: Facebook Espaço Cria (2019)

Sobre esses ambientes, Livia explicou também que a ideia é aproximar as crianças dos circuitos naturais, da interação em natureza e conexão com o meio ambiente e seus ciclos. A respeito dessa temática, Livia conta que sofremos hoje o que o jornalista Richard Louv chama de déficit de natureza. Para Louv²⁰, precisamos refletir sobre as consequências de manter as crianças sentadas e fechadas em ambientes escolares ou domésticos. Privadas do contato direto com a natureza e de seus benefícios para a saúde física e psíquica.

Acerca dessa realidade, Richard (2017) argumenta que: “estamos criando ambientes para as crianças, na escola e em casa, nos quais elas estão usando cada vez menos sentidos [...] estamos criando um ambiente em que, creio eu, as crianças estão menos vivas”. Quando fazemos isso, estamos também privando as crianças do direito ao desenvolvimento saudável em natureza.

Notamos que se relaciona também com essa ideia de que, ao manter as crianças em um ambiente sistematizado e fechado, obrigadas a aprender sobre uma série de dissertações estáticas acerca de uma realidade imutável, estamos tirando o direito das pessoas de transformar a vida.

Com relação a isso, Paulo Freire (1983) analisa que:

²⁰ Entrevista com Jornalista Richard Louv sobre Deficit Natureza. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UBa06WUZ7a4&t=186s>> Acesso em: 09/11/2019.

Todo esforço no sentido de manipulação do homem para que se adapte a esta realidade, além de ser cientificamente absurdo, visto que a adaptação sugere a existência de uma realidade acabada, estática e não criando-se, significa ainda subtrair do homem a sua possibilidade e o direito de transformar o mundo (FREIRE 1983, p. 62).

Com relação à essa ideia, nos capítulos iniciais, chamamos a atenção para a complexidade da era pós-moderna em que as relações humanas passaram a ser mediadas por múltiplas tecnologias. Muitos dos posicionamentos dos autores apresentados nesta pesquisa discorrem sobre os possíveis erros e problemas acarretados nesse processo. A preocupação evidente com a saúde dos seres humanos em meio à tecnologia também é notada no Espaço Cria quando defendem e preservam esse contato das crianças com a natureza. Para eles, o excesso de informação e os múltiplos aparatos tecnológicos afastam as crianças dos ciclos naturais e por isso, na escola a conexão das crianças em natureza se faz presente.

No decorrer da visita, Livia explicou como as ferramentas e práticas da CNV ajudam na incorporação desses ideais educativos da escola. Ela complementou que, assim como os valores apontados anteriormente e a maneira com a qual entram na dinâmica das atividades do Espaço Cria, a comunicação não-violenta se insere como uma espécie de filosofia relacional.

Isso se associa com o que expõem Marshall Rosenberg (2009) sobre a CNV ser desenvolvida a partir de práticas e processos, que correspondem a uma busca constante pela conscientização das relações. De tal forma, identificamos que o Espaço Cria retoma a ideia defendida por esse autor referenciado.

Sobre isso, a diretora entende que: “se a gente quer mudar, um dos primeiros movimentos em direção à essa mudança é a forma com a qual nos comunicamos”. Segundo Livia, esse entendimento da necessidade de nos atentarmos para a comunicação, têm a ver com a busca pela clareza nos diálogos, pela transparência e pela verdade. Ela comenta que a maneira que escolhemos para nos comunicar é cercada por mentiras, engano e manipulação. Para ela: “temos medo de nos expressarmos, acabamos assim, vivendo falsas relações o tempo inteiro”. Por esses motivos, segundo a fundadora Livia, a CNV se apresenta como ferramenta de uma nova forma de relação humana, em que

o movimento de aprender a comunicar precisa necessariamente acontecer para essa mudança.

A defesa da entrevistada pela comunicação como importante elemento para qualquer transformação, resgata a ideia preconizada por Pelizzoli (2012), que pontua que a comunicação é a linguagem vital, é o ápice da vida se estabelecer como relação. De tal modo, percebemos que o projeto de educação neste local segue um ideal já verificado por autores conceituados.

No Cria, por acreditarem na necessidade da mudança de todos, a prática da CNV é fortalecida pelo seu desenvolvimento principalmente entre os adultos presentes no processo educativo. Eles entendem que a incorporação no dia a dia dos valores e perspectivas de CNV entre os educadores, determina a maneira como essas pessoas serão capazes de lidar com as crianças não só na mediação de conflitos, mas também na aprendizagem relacional. Na medida em que isso acontece, as crianças, assim como aprendem a nossa nociva comunicação alienante, terão, dessa vez, a oportunidade de naturalmente absorverem a filosofia da CNV nas próprias vidas.

Lá eles prezam a construção de um lugar seguro em que as pessoas se sintam à vontade para se comunicar, expressar e expor diante do outro. Isso têm a ver, segundo Lívia com a relação de compromisso, ética e responsabilidade que ali se sustenta. Esses valores, são capazes criar empatia e afeto, que funcionam como uma liga, garantindo o cuidado e a preservação das relações entre as equipes de trabalho. Lívia explica que por meio desses sentimentos, é que se constroem a segurança e confiança necessários, para as pessoas se **vulnerabilizem**, sustentando essa nova maneira de relação humana.

Notamos, por meio desse relato, que as ações desenvolvidas dentro da escola agem de forma consoante com o que preza Rosenberg (2006) sobre a prática da CNV. Esse autor explica que por meio do resgate da **empatia** nos relacionamentos estabelecemos confiança mútua, garantindo maior profundidade nas relações. Dessa forma, percebemos que a escola continua contemplando os ideais apresentados pelos autores apontados no referencial desta pesquisa.

Também percebemos que, conforme tratado nos capítulos anteriores, dentre as habilidades necessárias para a prática da comunicação não-violenta, a **escuta ativa** se revela como importante elemento da prática. Reconhecemos

que nas dinâmicas do Espaço Cria, essa escuta se apresenta diariamente na forma com a qual as pessoas se relacionam. Essa habilidade é para a escola mais um detalhe que garante a nova relação humana a qual defendem.

Dando continuidade, constatamos que na escola, a CNV está inserida não apenas construção diária das relações, mas também é preservada como ferramenta na **mediação de conflitos**. Essa prática consiste na realização de uma conversa atenta com a presença de um facilitador, que faz a checagem dessa ferramenta, criando diálogos empáticos e auxiliando as pessoas a percorrerem o caminho da CNV. Nesse processo, buscam identificar os sentimentos e necessidades não atendidas, que possibilitam a formulação de pedidos consistentes. Essa mediação se dá entre educadores, com as crianças e com as famílias.

Com a descrição dessa prática, inferimos que, conforme sugerido por pelo autor Marshall Rosenberg (2006) sobre a CNV se apresentar por meio de um **processo** de identificação dos **sentimentos** presentes, pela conexão com as **necessidades** não atendidas e pela expressão de **pedidos** claros, o Espaço Cria, com mediação de conflitos contempla esse processo. Além disso, a presença do facilitador nessa dinâmica garante não só que as pessoas se sintam seguras ao se expressarem, mas também que essa ferramenta esteja sendo utilizada da melhor maneira.

A mediação de conflitos entre os educadores se dá por meio de práticas semanais no formato de rodas de conversa denominadas como “espaço do coração”, onde acontece uma escuta mais profunda e ativa, em que temas difíceis são abordados. Esse espaço recebe também de 15 em 15 dias um especialista de CNV para ajudar a elucidar o trabalho com a ferramenta da melhor forma.

O Cria garante também aos educadores, cursos em CNV para o aprofundamento da prática. Vale lembrar que na escola são considerados educadores, todos aqueles que ali trabalham e tem contato com as crianças. Para a realização desses cursos, o Espaço Cria conta com o apoio de três pessoas fundamentais. A primeira delas é o Dominic Barter, precursor da CNV do Brasil, que, duas vezes por ano faz a imersão desses educadores na prática, aprofundando mais as experiências. A segunda pessoa que se revela como referência em CNV para a escola é a Sissi Mazzeti, mediadora de comunicação-

não violenta, que trabalha com diálogos significativos, escuta empática e realiza as rodas da prática com os educadores e as famílias. Depois dela tem também a Fernanda Barreto, mediadora responsável pela CNV na escola que atua com frequência nas práticas, além da Mariana e da Lívia que também auxiliam nessa atividade.

A mediação de conflitos com as crianças, exposta na figura 7, acontece o tempo inteiro no Espaço Cria. Lívia frisa que, na verdade, a mediação nesse caso, apoia o conflito porque, conflito é nada mais que um convite para intimidade. Segundo ela: “conflito é bem-vindo, é através dele que a gente se encontra”. A mesma complementa a ideia argumentando que somente entramos em conflito com quem queremos nos relacionar. Por isso, os educadores se mostram atentos e preparados para lidar com essas relações entre as crianças. O objetivo, nesse momento é fazer com que as crianças percebam essa nova possibilidade de encontro por meio do conflito, criando novas estratégias de convivência.

Lívia conta que quando acontecem situações de conflitos, muitas vezes as pessoas, crianças e adultos, são tomados por grandes cargas emocionais em que a palavra não dá conta desses sentimentos, por isso, nos expressamos com gritos, agressividade física e etc. O que acontece nesses casos, é que precisamos voltar para a tentativa de organizar mentalmente, fazer uma autoanálise, para perceber o que está em desarmonia dentro de nós e que envolve outra pessoa.

Por isso, quando as crianças se encontram em conflitos, o papel dos educadores é mediar essas relações de forma neutra. Lívia explica que o objetivo é que as crianças saibam resolver os seus próprios conflitos, é necessário mostrar através das práticas que elas conseguem sair sozinhas. Segundo ela: “quando um adulto faz pelas crianças elas não se tornam capazes de traçar por conta própria o caminho de resolução”. Ou seja, nesses casos, é importante que o adulto presente esteja isento de posicionamentos moralizantes - certo ou o errado, porque não existe aqui a vítima e agressor, existe um encontro de seres com necessidades não atendidas em que se precisa, portanto, agir a fim de que não haja injustiça.

Vimos que a comunicação alienante da vida, exprimida anteriormente, é identificada pelo uso de adjetivos moralizantes que buscam classificar as

peessoas entre boas ou más, vítimas ou agressores. Tendo essa realidade em vista, verificamos que no Espaço Cria, existe uma grande preocupação das fundadoras para que os educadores se atendem a isso. Percebemos que essa atenção é expressa na mediação de conflitos entre as crianças, refletindo que a escola segue corroborando com os autores referenciados.

Além disso, Lívia chama atenção para que as crianças sejam as responsáveis por essa demanda de conflito que elas próprias criaram. O importante nessas situações é como as crianças vão traçar o melhor caminho para os dois saírem dali. Isso porque não existe conflito em que só um entra, se não, não é conflito. Dessa forma, se os dois entraram no conflito, os dois precisam criar nessa relação. O papel do adulto é auxiliar, nesse lugar de neutralidade que as crianças permaneçam atentas ao conflito, revelando neste caminho, seus sentimentos e buscando traçar estratégias conjuntas que atendam às suas necessidades.

Se o adulto, por algum motivo, não consegue assumir essa posição de neutralidade, ele precisa chamar outros educadores capazes para mediar esse conflito porque o posicionamento frente a situação interfere completamente na relação entre as crianças e, para Lívia, esse é um campo muito delicado. Ainda nesses casos, se o educador quiser, ele pode levar esse acontecimento para uma partilha, em que pode aprofundar, compreendendo melhor o porquê, num processo de autoconhecimento, desse posicionamento.

A respeito dessa dinâmica, notamos que conforme apontado nos capítulos anteriores e como consequência da não atenção às habilidades relacionais, perdemos a capacidade também de **lidar com os conflitos**. Para os autores referenciados, resolver conflitos nos ajuda a evoluirmos como humanidade. Percebemos, portanto, que o Espaço Cria, por preservar a existência do conflito no convite para a intimidade e possibilidade de conexão, remonta as ideia preconizadas pelos autores citados que entendem o conflito como algo inerente aos seres humanos, o tornando também potente possibilidade de evolução.

Figura 7: Mediação de conflitos com crianças no Espaço Cria



Fonte: Facebook Espaço Cria 2018

Já a mediação com as famílias acontece no formato de conversas programadas, em um ambiente seguro, caso exista a necessidade de agir individualmente com cada família. Nesses espaços, as famílias podem recorrer também à outras ferramentas para além da CNV, como a constelação familiar. Lívia explica da necessidade em envolver as famílias no processo educativo, contando que buscam convidar os familiares para participar no dia-a-dia e de assuntos fundamentais para educação de seus filhos(as). Pois, como vimos anteriormente, os pais são agentes importantes nesse processo.

Complementamos ainda que, segundo a Diretora, a prática da CNV não garante ou têm a ver com colher resultados, mas que a partir da consciência relacional, fruto da mentalidade da comunicação não-violenta é que se constrói um campo de relações mais profundas. Essas relações, pautadas pela honestidade, apresentam um nível muito maior de comprometimento com a verdade, que cria vínculos e amplifica a intimidade entre as pessoas. Esse espaço de intimidade permite que as pessoas se deparam com conflitos e situações muito difíceis e ainda consigam sair dali de forma leve. Lívia constata que a equipe de educadores, com essas práticas, ganhou musculatura para expor pensamentos e sentimentos, que cria um nível de confiança enorme, pois vivem relações mais seguras e saudáveis.

Tendo em vista essa constatação, compreendemos que, a Escola, por meio de atitudes diárias, corrobora com o que Pelizzoli (2012) explica sobre a CNV. Para o autor, comunicação não-violenta é a tomada de consciência de nossas necessidades, nossa humanidade, nossa capacidade de conexão e nossa capacidade de comunicação, para além de qualquer linguagem rebuscada ou especulações gramaticais e lógicas.

Observando a maneira com a qual o trabalho educativo do Espaço Cria faz sentido por meio das práticas e dinâmicas apresentadas, podemos identificar a consonância de valores apreendidos na instituição de ensino entre as ideias defendidas pelos autores apontados nessa pesquisa e que dissertam sobre o tema da CNV.

Para a entrevistada, o que as pessoas colhem com essa experiência é o empoderamento de ser o que se é. Para ela, esse processo se dá por meio da construção de relações verdadeiras, saudáveis e responsáveis. Por conseguinte, observamos que a vivência com a CNV chega também até as crianças através dos exemplos diários de relações verdadeiras, comprometidas com sentimentos e necessidades.

Debruçadas diante disso, percebemos que, como um reflexo da mentalidade trazida pela CNV e pelo conjunto de práticas e valores apreendidos no Espaço Cria, é possível que essas crianças passem a se sentir mais seguras para dizer aquilo que pensam e sentem. Corroborando para que cresçam como pessoas íntegras, sem que precisem criar máscaras ou personagens ao longo de suas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta monografia objetivou-se analisar a presença das práticas de comunicação não-violenta dentro da educação. Para cumprir e corroborar com a proposta do objetivo geral, foi preciso examinar como a comunicação atual têm influenciado na forma com a qual nos relacionamos. Buscamos também trazer à tona como os autores estudados se referem à essa temática, contextualizando de que maneira a CNV se insere de forma positiva nessa dinâmica, descrevendo as práticas de comunicação não-violenta. Depois disso, analisamos as ações de CNV dentro da instituição de ensino Espaço Cria em que foi possível observar claramente como essa dinâmica se dá no ambiente escolar.

A partir dos estudos realizados para atingir os objetivos propostos nesta monografia, pôde-se verificar que a comunicação não-violenta se insere de forma positiva no âmbito da educação. Após atualizar a urgência de se repensar a forma com a qual nos comunicamos, foi enriquecedor perceber como essa ferramenta se articula de maneira estratégica e estruturada dentro de uma instituição de ensino, potência de grandes transformações sociais. Todas essas análises e processos de pesquisa possibilitaram que identificássemos não só a importância, mas também a urgência de se amplificar o estudo do âmago da comunicação nas relações humanas.

Soma-se ainda que apesar disso, a comunicação tem sido utilizada de maneira pouco estratégica para o bem-estar coletivo. Observamos que hoje, a crescente polarização social instaurou tensões entre as pessoas, em uma humanidade em estado de guerra. Muitos desses conflitos são da ordem da comunicação, ou melhor da falta dela. Vivemos em tempos de ruídos, de não transparência e de manipulações de todas as categorias. Estamos imersos em um grande colapso comunicativo. Não falamos mais sobre o que nos importa enquanto seres humanos, deixamos isso de lado em defesa de mentalidades focadas na produtividade e no lucro.

Acrescenta-se também que a sociedade se vê comandada por grandes instituições, que buscam cada vez mais alienar as pessoas. Escolas, empresas, mídia e governo são alguns dos exemplos de organismos capazes de nos afastar da humanidade que existe dentro de nós. Fomos ensinados a obedecer, a consumir e a produzir numa escala desenfreada sem que esses valores sejam

questionados por nós. Ao passo que essas organizações se fortalecem, enfraquecemos enquanto sociedade, coletivo, como seres humanos. Precisamos resgatar aquilo que nos constitui enquanto unidade, precisamos repensar nossa comunicação, nossa relação com valores e com o planeta. Precisamos nos preocupar com a saúde e a sobrevivência da humanidade.

Ressaltamos ainda que as escolas públicas parecem contribuir para a permanência desses padrões sociais alienantes. Esses espaços, regidos por interesses políticos, não incentivam as crianças ao ponto de se tornarem pessoas íntegras, cientes de si, do outro e da sociedade. Nesse sentido, notamos que essa dinâmica pode corroborar para perpetuação da desigualdade entre classes. Apesar disso, é importante lembrar que nessa pesquisa, tivemos como objeto de estudo, uma escola privada em que as motivações particulares permitiram o comandar de uma educação consciente e viva, regida por valores e princípios humanos.

Para, além disso, vale ressaltar também que ao longo do tempo nos fizemos acreditar que precisamos de cada vez mais coisas na vida. Nunca estamos satisfeitos com o que temos, com o que conquistamos. Desaprendemos até a celebrar momentos de êxito, não empatizamos com nós mesmos, com nossos sentimentos de alegria. Na verdade, nem os reconhecemos mais - as mentes já focam no próximo objetivo. Nesse caminho, destacamos o velho clichê sobre o ter e o ser. É uma fala já escassa, mas atual. Repetimos aqui para ser lembrada, porque observamos constantemente pessoas fugindo das próprias vidas, criando personagens e mais personagens em redes para aparentar algo que não são, para aparentarem ter.

Essa dinâmica, sustentada pelo mundo virtual, tão presente na atualidade, pode estar refletindo no adoecimento social. Por meio das redes sociais mascaramos nossas vidas, mentimos para nós mesmos, nos comparamos com outras mentiras e ainda acreditamos nisso tudo. Por conseguinte, nos tornamos apenas mais uma imagem, mais uma mercadoria, mais uma vítima das grandes instituições regidas pelo capitalismo. A consequência disso tudo recai sobre a crescente presença de doenças mentais, ansiedade e depressão em escala mundial.

Conforme apontamos nos outros capítulos, observamos que pelas múltiplas facetas e benefícios da vida em rede, passamos cada vez mais tempo

conectados online, refletindo na maneira como nos relacionamos no mundo real. É difícil manejar uma relação, demanda processo como vimos, por isso a possibilidade de tornar os relacionamentos rasos, ou seja, fáceis de chegar e sair, torna-se tão atrativa para os seres humanos. Originaram-se relações com pouca capacidade de presença, sem intuito de permanência, em que as palavras perderam/mudaram seus significados e a comunicação se banalizou.

Por esses motivos, a nossa pesquisa nos levou a acreditar que, quando falamos sobre comunicação não-violenta estamos escolhendo um caminho de resgate das relações saudáveis e humanizadas. A CNV não tem nada de novo, o objetivo é se lembrar do que já sabemos - de como nós humanos, deveríamos nos relacionar uns com os outros. Quando compreendemos o poder que as palavras têm, tanto para o emissor quanto para o receptor, estabelecemos uma compreensão mútua e entendemos o impacto da linguagem em nossa vida.

Entende-se que a comunicação não-violenta não é uma fórmula, mas sim uma possibilidade de termos uma consciência maior quando nos comunicamos com as pessoas. É a capacidade de nos tornarmos mais humanos através de nossas palavras, atitudes e relacionamentos.

Vale apontar também que escolhemos explorar o campo da educação com a CNV por acreditarmos na educação como veículo de mudança na sociedade. Reconhecemos que as crianças, desde cedo, com a possibilidade de aprender através de uma linguagem mais clara e objetiva, com foco na consciência relacional, poderiam explorar outras maneiras de se relacionar. Dessa forma, têm a oportunidade de experienciar uma vida mais consciente e significativa nos relacionamentos.

Depois desses entendimentos, destacamos aqui que para nós, comunicação têm a ver com a forma como nos colocamos diante de nós mesmos, do outro e do mundo. Por esse motivo, enxergamos um grande propósito dentro desse estudo. Entendemos que pensar criticamente sobre a forma com a qual nos comunicamos, isto é, nos relacionamos, nos torna mais conhecedores do que de fato somos como humanidade. Nos instiga a buscar novas formas de manejar essa ferramenta a nosso favor, com o intuito de nos tornarmos seres humanos melhores.

REFERENCIAL

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70 – LDA, 2009.

BARROS.I; JALALI.V. Comunicação não-violenta com perspectiva para a paz. Ideias & Inovação. Aracaju: V. 2, N.3, p. 67-76, Setembro 2015.

BITTENCOURT, Renato. A fragilidade das relações humanas na pós-modernidade. Revista espaço acadêmico, Centésima edição. Revista eletrônica: Número 100, Setembro de 2009.

BOURDIEU, Pierre. Poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BONDÍA. J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Universidade de Barcelona. Espanha: n. 19. Jan/Fev/Mar/Abr de 2002.

BLIKISTEIN. I. Kaspar Hauser Ou a Fabricação Da Realidade. 9º edição. São Paulo: editora Cultrix, 2003.

CASTELLS, M; CARDOSO, G (Orgs). A sociedade em rede: do conhecimento à acção política. Conferência. Belém (Por): Imprensa Nacional, Março 2005.

COUTINHO.C; LISBOA. E. Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem: desafios para educação no século XXI. Revista de Educação-Universidade do Minho. Portugal: Vol. XVIII, no 1, p.5 - 22, 2011.

ECCO. I; NOGARO. A; PALUDO. M. Mediação e comunicação não-violenta: perspectiva na orientação educacional. Revista Ciências Humanas. Rio Grande do Sul. v.13, n.21, p.61-78. Junho 2012.

ELIAS. C; AXT. M. Quando aprender é perder tempo: compondo relações entre linguagem, aprendizagem e sentido. Rio Grande do Sul: Psicologia & Sociedade; 16 (3): 17-28; set/dez.2004.

FONTE. A; MOURA. G. A educação para a cidadania global e a comunicação não violenta: revisão da literatura. Revista de Educação do ReAGES. Paripiranga (BA): n.3, pg. 29-34. janeiro/junho 2019.

FREIRE.P. Extensao ou Comunicacao. 8 Edicao. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1983.

HARARI, N.Y, Sapiens: uma breve história da humanidade. Porto Alegre: RS: L&PM, 2018.

JUNIOR. D; OLIVEIRA. W; FONSECA.H. O que é a Pedagogia Sistêmica e como ela pode ajudá-lo?. IBHBC - Constelação Familiar Sistêmica. Belo Horizonte, 3 de Março de 2014.

LUFT. L. Perdas e ganhos. Edição x. São Paulo: Editora: Record. Ano: 2003.

MARTINOT. A. A importância da cnv – comunicação não violenta na realização do processo de autoconhecimento. Revista educação. São Paulo: v.11, n.1. 2016.

MCLUHAN, M. os meios de comunicação como extensões do homem. 14ª edição. São Paulo: cultrix, 2005.

PAIVA.C. O campo híbrido da Informação e da Comunicação - UFPB. Paraíba: Disponível em Biblioteca online de ciências da comunicação: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/paiva-claudio-campo-hibrido-informacao-comunicacao.pdf>>

PELIZZOLI. M.L. (org.) Introdução à Comunicação Não Violenta (CNV) - reflexões sobre fundamentos e método: Diálogo, mediação e cultura de paz. Recife: Ed. da UFPE, 2012.

PERLES. J. Comunicação: conceitos, fundamentos e história. Mato Grosso do Sul. Disponível em Biblioteca online de ciências da comunicação: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/perles-joao-comunicacao-conceitos-fundamentos-historia.pdf>>

KOHN. K; MORAES. C. O impacto das novas tecnologias na sociedade: conceitos e características da Sociedade da Informação e da Sociedade Digital. Intercom XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos: 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

ROSENBERG, M.B .Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006.

SANTAELLA. L. Comunicação ubíqua Repercussões na cultura e na educação. 1 Edição. São Paulo: Editora Paulus. 2013.

SILVA, Cristiane Rocha; GOBBI, Beatriz Christo; SIMÃO, Ana Adalgisa Simão. O Uso da Análise de Conteúdo como uma Ferramenta para a Pesquisa Qualitativa: Descrição e Aplicação do Método. Organizações Rurais e Agroindustriais, Lavras, v. 7, n. 1, 2005, p. 70-81.

WILSON.E. O sentido da existência humana. 7ª edição. São Paulo: companhia das letras, 2018.